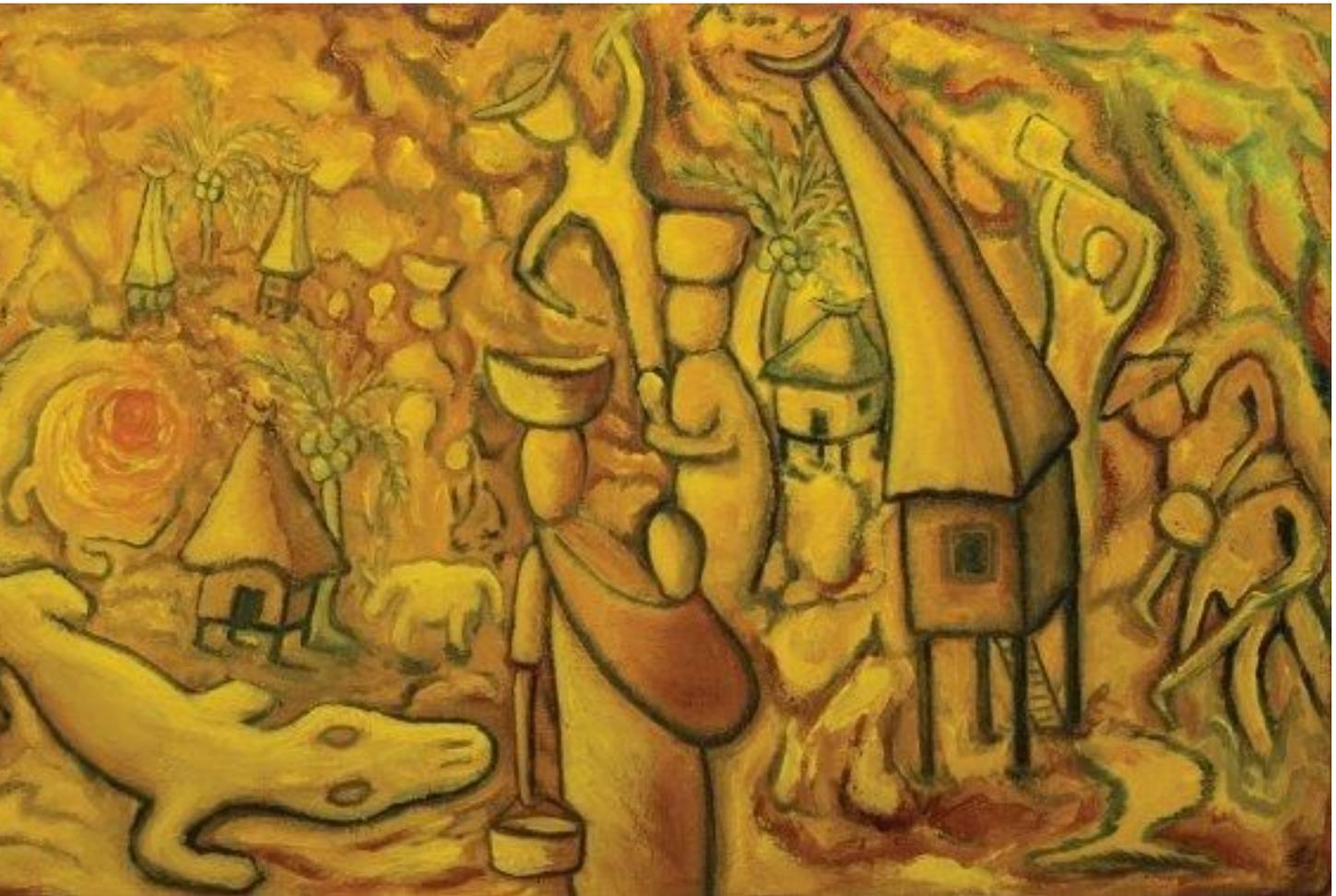


EXPOSIÇÃO DE PINTURA

**SAUDADE OU ET L'OR DE LEUR CORPS**

# Abel Júpiter



**3 NOV A 3 DEZ 2023**

**BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA**

ORGANIZAÇÃO:



ACOLHIMENTO EM PARCERIA:



ESTRUTURA CENDREV FINANCIADA POR:



APOIO:





## SAUDADE OU *ET L'OR DE LEUR CORPS* A PINTURA DE ABEL JÚPITER

*What though the radiance  
which was once so bright  
Be now for ever taken from my sight,  
Though nothing can bring back the hour  
Of splendour in the grass,  
of glory in the flower,  
We will grieve not, rather find  
Strength in what remains behind;  
In the primal sympathy  
Which having been must ever be;  
In the soothing thoughts that spring  
Out of human suffering;  
In the faith that looks through death,  
In years that bring the philosophic mind.*

William Wordsworth - "Splendour in the grass"

Uma exposição de Abel Júpiter é uma fantástica prova da união dos povos portugueses e timorenses, que se encontraram um dia na história, daí tendo nascido uma relação e ficando os dois povos iniludivelmente ligados, num vínculo tão forte que jamais se perderá. A grande curiosidade, no caso de Abel Júpiter é verificar a forma como ele incorpora um sentimento comum, convertido numa palavra da língua portuguesa, intraduzível em qualquer outra língua: Saudade. Efetivamente "saudade" é muito mais do que o termo para que é habitualmente traduzível em língua tétum, "neon nacfalor", muito mais perto da lembrança do passado, sem a componente nostalgia que a saudade também incorpora, porque é disso que se trata, a saudade de uma vida, a saudade de um tempo, que jamais voltará, mas que deixou algo de muito bom. Aquilo de que nos fala William Wordsworth no seu mais belo poema, as coisas que nos foram retiradas para sempre, mas que em bora nada as possa trazer de volta, não devem ser choradas, mas antes servirem de base para um desejo renovado de viver novas realidades.

Abel Júpiter é natural de Baucau, no remoto ano de 1990 parte para Macau motivado pelo período terrível que o território timorense vivia com uma ocupação repressora, que Ruy Cinatti parecia que adivinhava quando redigiu o poema "Morte em Timor", narrando a terra onde «[.1 um fogo fino paira, 1 alastra, crepita quando da terra se aproxima 1 e crescente, envolvente, cerca os montes 1 e coroa se afirma.». Em 1998 chega para Portugal.

Assim, seria em Portugal que se fez homem, constituiu família, trabalhou e se fez pintor. Não obstante, vai regressando ao seu país de origem sempre que pode e, uma vez de novo em Portugal, pinta a terra que ama, pinta Timor Lorosae, que jamais esquece. Assim, o solo que um dia foi mártir renasce a cada pintura de Abel Júpter. E o mundo que é compreendido, um universo muito particular que é representado, as gentes, as casas, as terras, o mar, a fauna, a flora e aqui vem-nos à memória um dos mais notáveis poemas de um homem que viveu Timor como muito poucos, o poeta Ruy Cinatti que em “Análise” tão bem descreveu as terras que o autor pinta, pois é por aqui que se pode compreender a pintura de Abel Júpter, sem dúvida um magnífico embaixador de um país ao qual regressa nas suas obras e nos faz regressar, mesmo aos que nunca lá foram, a cada pintura que executa.

Na área de técnica de pintura Abel Júpter encontra as técnicas mais aptas para representar o mundo que, embora muito concreto, se torna difuso. Trata-se da representação de imagens de memória, como se houvesse uma técnica específica para representar a saudade.

Tecnicamente a pintura de Abel Júpter tem uma pureza inesperada, vê-se que não é um académico. Vale a pena chamar à colação Henri Edmond Cross que sob a influência de Monet, mudou a paleta cromática, passando a pintar com renovados brilhos, mas jamais copiando a pintura daquele mestre, antes desenvolvendo novas formas que o colocaram no lugar cimeiro do neo-impressionismo e com quem Abel Júpter partilha afinidades eletivas, mas desenvolvendo um processo muito próprio, transportando estas formas para o século XXI. Assim, pega nas pesquisas dos pós-impressionistas, muito perto do pontilhismo, veja-se por exemplo as obras “O pescador na baía de Díli”, ou ainda mais em “O pôr do sol na baía de Díli” que podemos comparar com as técnicas prescritas por de Paul Signac e leva-as mais longe criando uma atmosfera muito própria, só sua, onde a autoria é claramente reconhecível. Em outras obras verifica-se uma notável evolução, ficando muito mais perto do Simbolismo, muito mais perto do que Gauguin viria a fazer em ilhas do Pacífico e a este respeito são iniludíveis as obras de toda a série “o meu Timor”.

Há, ainda, algo na sua pintura que pode ser definido como *radiance*, que dificilmente pode ser traduzida como brilho, muito menos como luminosidade ou luz, mas que também pode ser entendida como esplendor, neste caso um esplendor que vive nas coisas mais simples, exatamente a mesma fulgência, mas tão maravilhosa sobre a qual William Wordsworth escreveu o mais belo dos seus poemas e que Elia Kazan também encontrou na simplicidade da relva.

Por fim, para o entendimento da pintura de Abel Júpter será, também, interessante estabelecer um paralelismo entre duas situações completamente diversas, a do já referido Paul Gauguin quando abandonou França e foi viver, primeiro para Taiti e depois para as ilhas Marquesas onde aliás viria a falecer, apaixonando-se pelo seu novo “país” e a oposta, a de Abel Júpter que foi forçado a abandonar o seu país pelo qual se

tinha enamorado. Em comum, a beleza da paisagem, das casas, mas sobretudo das gentes, quer da Polinésia, quer de Timor, cujos habitantes têm os corpos de ouro, como Gauguin tão bem compreendeu e que o levou a titular uma das obras mais emblemáticas com a designação de “Et l’or de Leur corps”, uma pintura hoje preservada no Musée d’Orsay, em Paris, ou Júpiter a pintar “Nina” ou “Tebe dai”.

Porque, no fundo, é disso que se trata, de um tesouro que passa a viver no interior de quem visita, ou conhece, ainda que através da pintura de Abel Júpiter, a magnífica terra de Timor.

**Paulo Morais-Alexandre**

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam ALaouite (Reino de Marrocos).

Afiliação institucional: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal; Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-05B Lisboa, Portugal;. e-mail: pmorais@estc.ipl.pt.



A pintura de Abel Júpter revela simultaneamente a profunda ligação emocional e identitária do pintor ao seu país de origem e uma decisão de descoberta, exploração e rigor técnicos, na utilização das ferramentas e materiais implicados nos seus trabalhos. Este aspeto, que, para mim, é o mais impressionante, salvaguarda a pintura de Abel Júpter do mimetismo exótico de uma memória insular, na distância de um presente disfórico, e transforma o conteúdo dos seus quadros, cujas referências parecem óbvias, num conteúdo pictórico. Isto quer dizer que, por exemplo, a série de quadros com o título 'O meu Timor' refere-se menos a uma realidade fora da pintura, do que ao Timor que Abel Júpter cria pela sua pintura, de onde emerge uma qualidade onírica e, por vezes, transcendente. Ou que, de um outro modo, quando Abel Júpter pinta Lisboa é ainda Timor que é pintado.

A transcendência, que referi, manifesta-se na criação de atmosferas em que a matéria da pintura adquire uma espécie de dimensão temporal da duração, sobretudo e surpreendentemente, quando as cenas, que constituem o objeto temático, pertencem ao quotidiano - o mercado da aldeia, a condução dos animais, a brincadeira das crianças. É, neste lugar, que a pintura de Abel Júpter me interpela mais, em detalhes em que a atenção do pintor se detém de modo especial, por exemplo, a alegria das personagens, as mãos, os objetos do dia-a-dia, e que se elevam para lá de uma realidade distante, e revelam uma humanidade que a memória transformou em sonho, poesia e ouro.

**David Antunes**

Professor Adjunto da Área de Teoria em Teatro da ESTC  
Pró-Presidente Artes do IPL



"As pinturas, que realiza em Massamá, nos arredores de Lisboa, evocam memórias de lugares e pessoas que retém do tempo anterior à sua partida de Timor e às estadias longas em Jacarta e Macau.

É certo que a vida tinha que mudar depois disso e de exigentes estudos superiores, viagens, visitas a museus, leituras e experiências, para além da vivência do cotidiano numa grande cidade em Portugal. Mas as memórias permanecem e, se há que escavá-las, a pintura é esse portal de acesso mnemónico e, ao mesmo tempo, o filtro que informa o que irrompe dessa zona profunda - não tanto, por vezes, patente nas referências concretas que a fotografia permite evocar em grande parte mas, mais frequentemente, nos ambientes, ou até, como aqui acontece, numa paleta distintiva portadora de uma luz particular que funciona como um clarão em zona de sombra, esquecimento do resto.

É assim que, nas cenas que pinta com rostos de figuras que, frequentemente sentadas, nos confrontam tranquilamente ou quase com simples curiosidade, há objetos tradicionalmente caracterizadores daqueles lugares, esteiras, paredes em bambu e colmo, frutos, e legumes, em cestarias, indumentárias e turbantes com padrões têxteis reconhecíveis ou rituais de trabalhos discretos. Abel Júpter procura nessa meticulosidade da imagem e do tratamento sedutor dos detalhes de superfície a possibilidade de reconhecimento e de identificação local, essenciais a uma memória que é, também, homenagem saudosa do espaço que se perdeu.

Por outro lado, a pincelada mais ou menos pós-impressionista ou fauvista revela a absorção da cultura artística ocidental que, por sinal, tem no oriente a sua génese comprovada, levando-nos a entendê-la também, aqui, como um devido retorno. E, ao mesmo tempo, cria um ambiente atmosférico mágico, espesso e quase arenoso (comum a outros artistas da Indonésia e do Pacífico) e, aí, torna-se questão técnica secundária, adquirindo um sentido existencial. É assim que pode, então, justificar-se como materialidade possível para os contrastes reduzidos da luz e para a subtileza e harmonia tonal da paleta, tanto na exuberância dos elementos naturais e do contexto, como nos vincos da pele e dos panos.

Cintilante, é ela, de resto, que emana do evidente sol que se põe na paisagem com aquele barco arruinado, incapaz de deixar a baía de Dili."

Isabel Maria Sabino Correia

Profª Catedrática na Universidade de Lisboa da Faculdade de Belas-Artes e Investigador do Cieba, colaborando com o i2ads (FBAUP). É membro da Academia Nacional de Belas Artes.

"Prefácio para *Haverá sol! Sunny everyday!*, 7-9. Macau, China: Arteperiférica Macau, Lda. 2013."

## BIOGRAFIA DE ABEL JÚPITER

### Abel Júpiter Tchong Freitas da Silva

Natural de Baucau - Timor Lorosae.

Viveu toda a sua infância em Timor durante a ocupação indonésia.

Aos 19 anos deixou Timor com destino a Jacarta, onde permaneceu durante 5 meses, seguindo depois clandestinamente para Macau.

Em Macau estudou e trabalhou até Agosto de 1998, ano em que veio para Portugal. Licenciou-se em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O seu gosto pela pintura manifestou-se desde pequeno. Em Timor dada a situação vivida nunca teve oportunidade de pintar seriamente, mas também nunca deixou de se interessar pela pintura, procurando sempre aprender, pintando de tela para tela sempre que possível.

Quando pinta, procura ser fiel a si mesmo, deixa que as coisas aconteçam, pois, acredita que cada pintor tem dentro de si algo que funciona de acordo com as suas necessidades. Na sua pintura retrata pessoas simples do campo pelas quais tem uma grande admiração e respeito, combinando-os com os espaços rurais onde passou a sua infância.

Tem representado Timor Lorosae em várias exposições nacionais e internacionais, entre as quais se destacam as seguintes:

- “Arte Timorense” no Museu do Oriente, em Lisboa, 2010;
- Fundação Medeiros e Almeida “Semana Cultural da CPLP”, em Lisboa, 2010;
- “Bienal de Culturas Lusófonas de 2011, 2013, 2015 e 2017” promovido pela Câmara Municipal de Odivelas;
- Casa Museu em Macau - Arte Contemporânea dos Países de Língua Portuguesa no âmbito da 5.ª Semana Cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Taipa - Macau), 2013;
- Galeria de Arte do Casino Estoril – Artistas dos Países Lusófonos, 2013;
- 1.ª Edição da Exposição da Lusofonia no Clube Militar, em Macau, 2015;
- Exposição Coletiva “Reencontro” na Casa da Cultura Lívio de Moraes, 2020, (com alguns dos grandes pintores conceituados como Artur Bual, Carybé (Hector Bernabó)

David Levi Lima, José Pádua, Lívio de Moraes, Malangatana, Paulo Ossião, entre outros);

- Exposição Coletiva dos Artistas do Círculo Artur Bual, no Museu Municipal, em Santiago do Cacém, 2021;
- Exposição de pintura “Saudade ou *Et l’or de leur corps*”, no Espaço Artes do Politécnico de Lisboa, 2022;
- Exposição de pintura “Saudade ou *Et l’or de leur corps*”, no Espaço Garrett da Escola Superior de Teatro e Cinema do Politécnico de Lisboa, 2023.

*A ilha é de terra e água  
e de efeito contra-mútuo:  
floresta que, tal a vaga,  
ascende do mar à nuvem.  
O ar respiram-no todos:  
plantas, animais e homens  
que no fogo forjam armas  
e com elas ferem lume.  
O fogo consome os homens  
em sua nudez telúrica.  
Água, fogo, terra e ar  
nutrem de nervo e alma  
um panorama essencial.  
O fogo é o mais obscuro.*

Ruy Cinatti - "Análise" in *Uma Sequência Timorese*



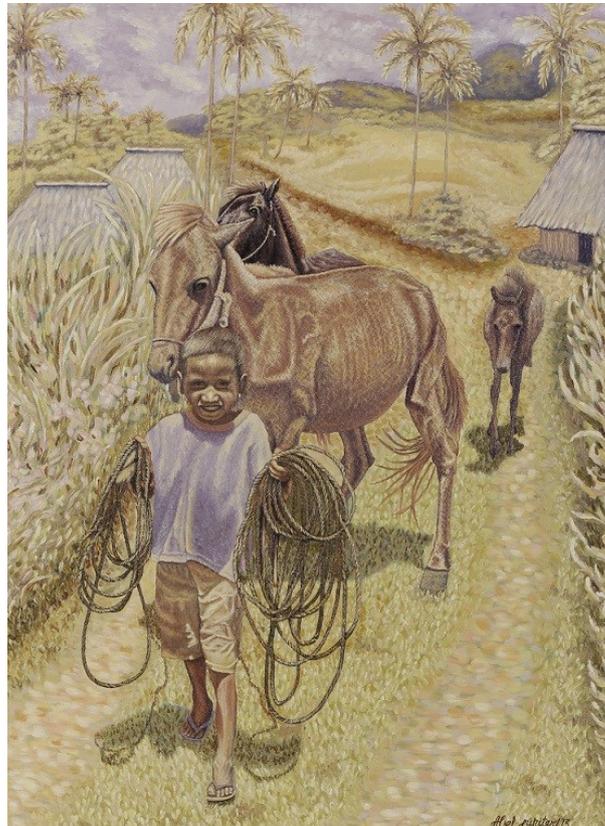
O meu Timor IV [70X60 cm, óleo sobre tela, 2021]



Tebe-dai [70x70 cm, óleo sobre tela, 2020 - Coleção Particular]



Nina [73,5 X 55,5 cm, óleo s tela, 2020 - Coleção Particular]



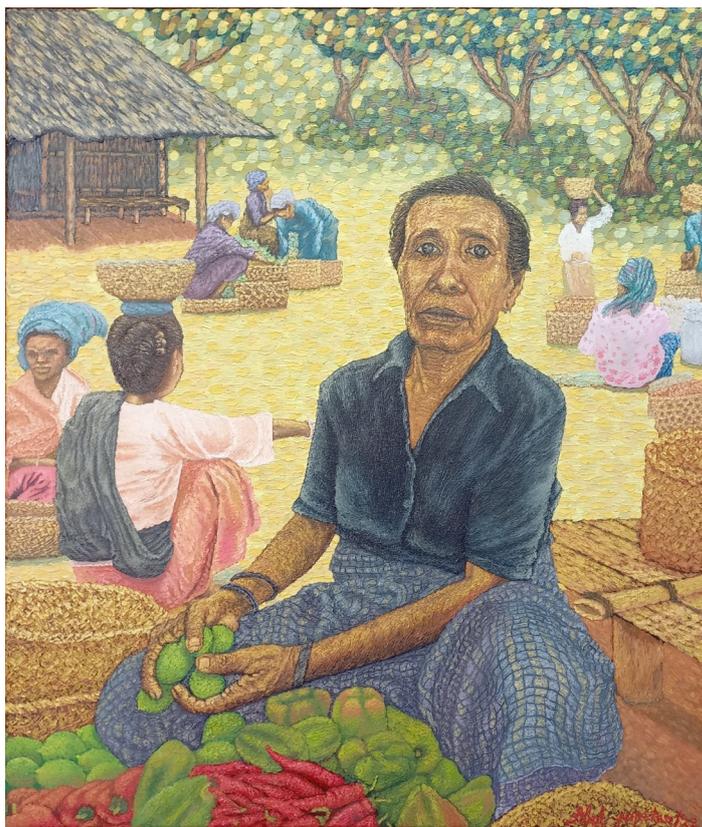
Menino e os seus cavalos [100x73 cm, óleo sobre tela, 2013]



As minhas brincadeiras de criança [76x101 cm, óleo sobre tela, 2020]



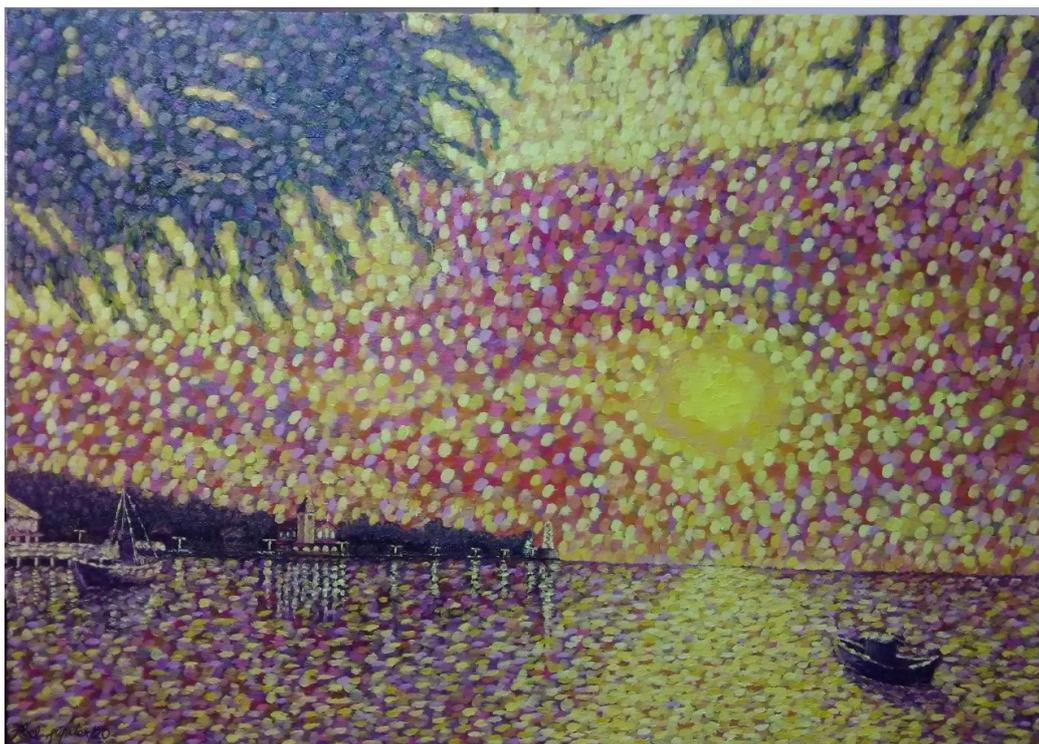
Saudade [80x60 cm, óleo sobre tela, 2023]



Bazar VII [65 x54 cm, óleo sobre tela, 2022]



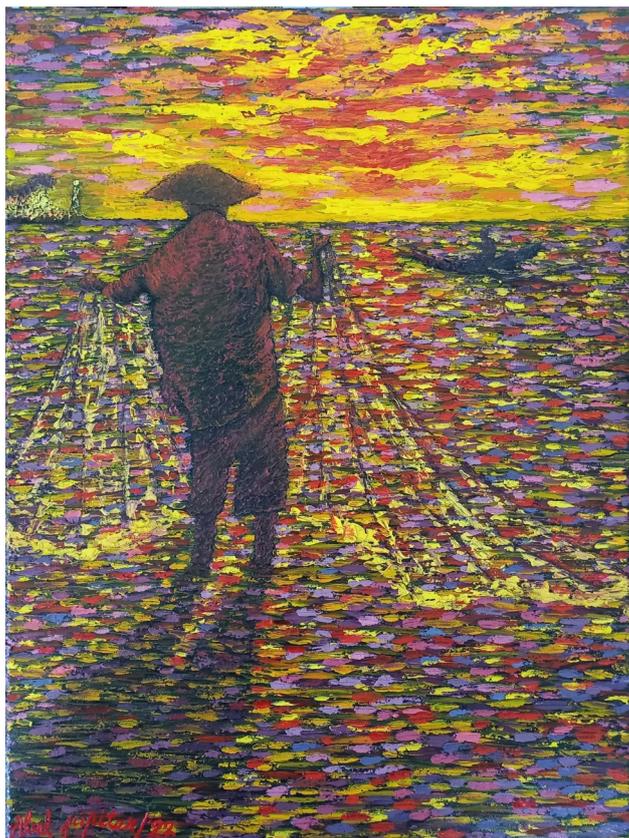
Entardecer em Timor [50x70 cm, óleo sobre tela, 2013]



Entardecer na baía de Dili [65,5x91 cm, óleo sobre tela, 2020]



O pescador na Baía de Dili 2 [40x30 cm, óleo sobre tela, 2022]



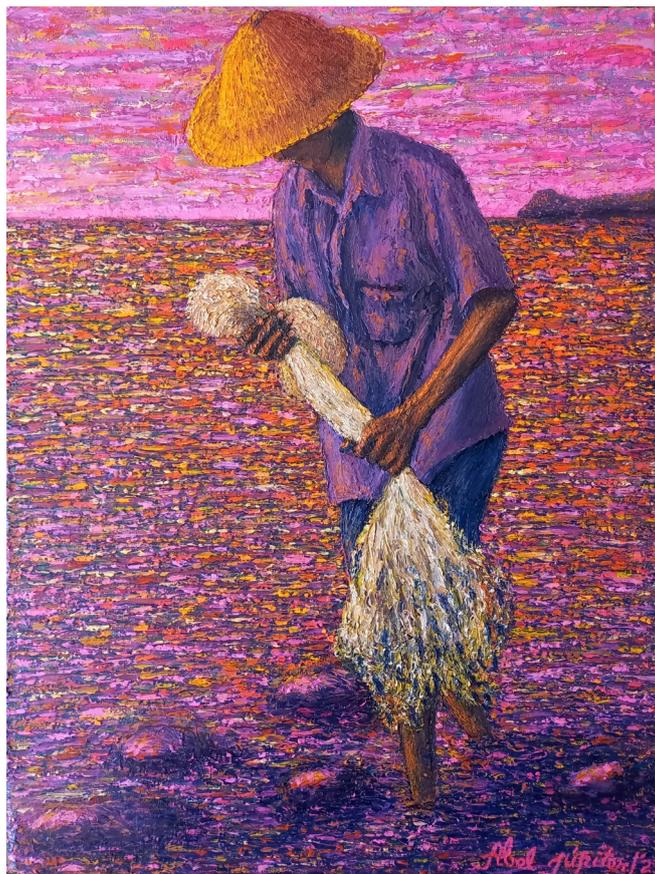
O pescador na Baía de Dili 3 [40x30 cm, óleo sobre tela 2022]



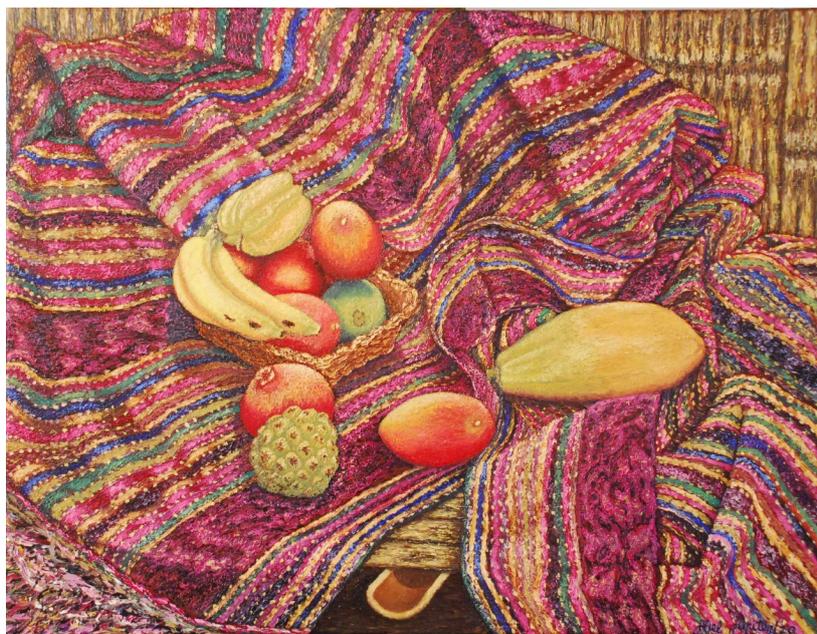
O pescador na Praia de Santana-Dili [40x30 cm, óleo sobre tela, 2022]



Apanhadoras de mariscos na praia de Santana-Dili [40x30 cm, óleo sobre tela 2023]



O pescador na Praia de Santana I-Dili - 40x30 cm, óleo s tela 2023



Cesto com frutos exóticos e tais - 50x 64,5 cm, óleo s tela 2020

### Agradecimentos

Ao Politécnico de Lisboa pela cedência da viatura para transporte da Exposição.

À Biblioteca Pública de Évora pelo acolhimento da Exposição.





